

Há cem anos nascia uma estrela chamada Clarice Lispector*

Hugo Almeida

Tão instigante quanto a obra, é a vida de Clarice Lispector (1920-1977). Ao nascer na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920, ganhou o nome de Haia, vida em hebraico. Era a terceira filha dos russos de origem judaica Pinkouss (Pedro) e Mania (Marieta). Clarice dizia que havia chegado ao Brasil com apenas dois meses, mas a estudiosa de sua vida e obra Nádia Battella Gotlib documentou no livro *Clarice Fotobiografia*, publicado pela Edusp, que ela aportou em Maceió, em 1922, com um ano e três meses. A futura escritora, que 22 anos depois começaria a renovar a literatura brasileira com o romance *Perto do coração selvagem*, desembarcou no país no exato ano da Semana de Arte. Destino, mistério?

A família mudou-se em 1925 para Recife, onde viveu até 1935, quando Pedro, que tinha ficado viúvo cinco anos antes, e as filhas Elisa, Tânia e Clarice mudam-se para o Rio de Janeiro. Na então capital federal, a jovem Clarice estudou Direito na Universidade do Brasil, onde conheceria Maury Gurgel Valente, seu colega de curso, com quem se casaria. Clarice perdeu o pai em 1940 e no mesmo ano começou a trabalhar na Agência Nacional como redatora. Teve como companheiros de trabalho, entre outros, os escritores Lúcio Cardoso (1912-1968) e Antonio Callado (1917-1997). Em 1942, Clarice estreou como repórter de *A Noite*. Em janeiro do ano seguinte, naturalizada brasileira, casou-se com Gurgel Valente, então diplomata. Começava ali uma longa peregrinação pelo Brasil e exterior.

Em 1944, deixaria perplexo Antonio Candido (1918-2017) e outros críticos com *Perto do coração selvagem*, seu primeiro livro. Segundo Candido, “crítico titular” da *Folha da Manhã*, a jovem autora “colocou seriamente o problema do estilo e da expressão”. No artigo publicado em julho de 1944 Candido saudou a estreante: “O ritmo do livro é um ritmo de procura, de penetração, que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada na nossa literatura moderna”. Esse artigo de Antonio Candido está em seu livro *Brigada Ligeira*, de 1945, depois reeditado.

No início de 1944, Clarice e Gurgel mudaram-se para Belém (PA). Em agosto eles já estavam em Nápoles. Clarice morou em vários países, como Estados Unidos, Inglaterra e Suíça até se separar do marido em 1959, quando voltou para o Rio de Janeiro, onde viveria seus últimos 18 anos. O casal teve dois filhos, Pedro (1948) e Paulo (1953). Enquanto escrevia livros, Clarice publicava contos e crônicas em diversos jornais e revistas, como *Senhor*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Manchete*, *Fatos e Fotos*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora*. Depois de *Perto do coração selvagem*, lançou *O lustre* (romance, 1946) e *Laços de família* (contos, 1960).

Em carta a Clarice em 3 de setembro de 1961, o escritor Erico Verissimo (1905-1975), que se tornara amigo do casal Clarice-Gurgel Valente em Washington, afirmou: “Não

escrevi antes sobre seu livro de contos [*Laços de família*] por puro embaraço de lhe dizer o que eu penso dele. Aqui vai: é a mais importante coletânea de contos publicada neste país desde Machado de Assis”. Em 1966, Clarice Lispector sofreu queimaduras na mão direita e nas pernas em incêndio em seu quarto, no Leme, no Rio de Janeiro. Num Congresso Mundial de Bruxaria na Colômbia, em 1975, em vez de ler o discurso que havia preparado, Clarice Lispector apenas falou um pouco antes de alguém ser “O ovo e a galinha”, de *A legião estrangeira*, conto que ela mesma considerava “tão inexplicável como se fosse sobrenatural”, “misterioso”, com “uma simbologia secreta”. Vítima de câncer, Clarice partiu em 9 de dezembro de 1977. No dia seguinte, completaria 57 anos.

Clarice Lispector nunca quis ser escritora profissional para não perder a liberdade e durante muitos anos teve dificuldade para conseguir editor. Hoje seus livros estão traduzidos em dezenas de países. Clarice produziu vasta obra, cada vez mais admirada, como os romances *O lustre* (1946), *A maçã no escuro* (1961), *A paixão segundo G.H.* (1964), *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969), *A hora da estrela* (1977), filmado em 1985 por Suzana Amaral (1932-2020), a novela *Água viva* (1973) e os volumes de contos *Laços de família* (1960), *A legião estrangeira* (1964), *Felicidade clandestina* (1971), *A via crucis do corpo* e *Onde estivestes de noite* (1974), além de livros infantis, como *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1968) e *A vida íntima de Laura* (1974). Em seu livro *História concisa da literatura brasileira* (Editora Cultrix), o professor e crítico literário Alfredo Bosi (1936) lembra que Clarice Lispector manteve-se “fiel às suas primeiras conquistas formais” de *Perto do coração selvagem* e destaca no estilo clariciano “o uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual”.

* Texto de dezembro de 2020, usado na divulgação de *Feliz aniversário, Clarice* no site da Editora Autêntica.